







VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO INÍCIO DA PANDEMIA DA COVID-19: O DISCURSO DAS MÍDIAS DIGITAIS

VIOLENCE AGAINST WOMEN AT THE BEGINNING OF THE COVID-19 PANDEMIC: THE DISCOURSE OF THE DIGITAL MEDIA

VIOLENCIA CONTRA LAS MUJERES AL INICIO DE LA PANDEMIA DEL COVID-19: EL DISCURSO DE LOS MEDIOS DIGITALES

 Lucimara Fabiana Fornari¹
 Mariana Sbeghen Menegatti¹
 Rafaela Gessner Lourenço²
 Danyelle Leonette Araújo dos Santos³
 Rebeca Nunes Guedes de Oliveira⁴
 Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca¹

¹Universidade de São Paulo – USP, Escola de Enfermagem, Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva. São Paulo, SP - Brasil.

²Universidade Federal do Paraná - UFPR, Departamento de Enfermagem. Curitiba, PR - Brasil.

³Secretaria Estadual de Saúde Pública do Rio Grande do Norte - SESAPRN, Departamento de Enfermagem. Natal, RN - Brasil.

⁴Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS, Departamento de Enfermagem. São Caetano do Sul, SP - Brasil.

Autor Correspondente: Lucimara Fabiana Fornari
E-mail: lucimaraforfarnari@usp.br

Contribuições dos autores:

Coleta de Dados: Lucimara F. Fornari, Rafaela G. Lourenço, Danyelle L. A. Santos, Rebeca N. G. Oliveira; **Conceitualização:** Lucimara F. Fornari, Mariana S. Menegatti, Rafaela G. Lourenço, Danyelle L. A. Santos, Rebeca N. G. Oliveira, Rosa M. G. S. Fonseca; **Gerenciamento do Projeto:** Rosa M. G. S. Fonseca; **Metodologia:** Lucimara F. Fornari, Mariana S. Menegatti, Rafaela G. Lourenço, Danyelle L. A. Santos, Rebeca N. G. Oliveira, Rosa M. G. S. Fonseca; **Redação - Preparação do Original:** Lucimara F. Fornari, Mariana S. Menegatti, Rafaela G. Lourenço, Danyelle L. A. Santos, Rebeca N. G. Oliveira; **Redação - Revisão e Edição:** Rosa M. G. S. Fonseca; **Validação:** Lucimara F. Fornari, Rafaela G. Lourenço, Danyelle L. A. Santos, Rebeca N. G. Oliveira, Rosa M. G. S. Fonseca.

Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Processo 425350/2018-5; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP - Processo 2018/07389-4

Submetido em: 31/03/2021

Aprovado em: 08/06/2021

Editores Responsáveis:

 Mariana Santos Felisbino-Mendes
 Tânia Couto Machado Chianca

Como citar este artigo:

Fornari LF, Menegatti MS, Lourenço RG, Santos DLA, Oliveira RNG, Fonseca RMGS. Violência contra a mulher no início da pandemia da COVID-19: o discurso das mídias digitais. REME - Rev Min Enferm. 2021[citado em _____];25:e-1388. Disponível em: _____
DOI: 10.5935/1415.2762.20210036

RESUMO

Objetivo: analisar como as mídias digitais retrataram a violência contra a mulher no início da pandemia da COVID-19, no Brasil, à luz de gênero. **Método:** estudo descritivo de abordagem qualitativa que utilizou dados *online* (notícias e comentários) publicados em plataformas digitais: portais de notícias, jornais, *sites* governamentais e de organizações feministas e rede social Twitter. Os dados foram extraídos por meio de instrumento semiestruturado e tratados pela análise de conteúdo temática, com suporte do *software* webQDA. **Resultados:** foram encontradas três categorias empíricas: os reflexos da COVID-19 nos números da violência contra a mulher; a COVID-19 desvelando a violência contra a mulher no público e no privado; COVID-19 e violência contra a mulher: duas pandemias em paralelo. No início da pandemia constataram-se aumento e agravamento das violações, provavelmente relacionados ao distanciamento social e à piora da crise econômica. As narrativas abordaram a violência contra a mulher primordialmente como um fenômeno diretamente relacionado à pandemia e às medidas de distanciamento social ou às consequências da crise sanitária. **Conclusão:** os resultados instigam à reflexão e provocam o reconhecimento da vulnerabilidade das mulheres à violência no ambiente doméstico, por meio da abordagem crítica do fenômeno pelas mídias para a desconstrução dos padrões sexistas androcêntricos e para a busca pela equidade de gênero. Ficou evidente a potencialidade das mídias digitais para compreender a expressão da violência contra a mulher em um momento singular da história, estimulando reflexões que podem contribuir para o seu enfrentamento.

Palavras-chave: Violência Doméstica; Violência contra a Mulher; Pesquisa Qualitativa; Pandemias; Meios de Comunicação de Massa; Saúde da Mulher.

ABSTRACT

Objective: to analyze how the digital media portrayed violence against women at the beginning of the COVID-19 pandemic in Brazil, in the light of gender. **Method:** a descriptive study with a qualitative approach that used online data (news and comments) published on digital platforms: news portals, newspapers, governmental websites and from feminist organizations, and the Twitter social media. The data were extracted using a semi-structured instrument and treated by means of thematic content analysis, with the aid of the webQDA software. **Results:** three empirical categories were found, namely: The effects of COVID-19 on the numbers of violence against women; COVID-19 unveiling violence against women in public and private spaces; and COVID-19 and violence against women: two pandemics in parallel. At the beginning of the pandemic, an increase and worsening of infringements were verified, probably related to social distancing and to the worsening of the economic crisis. The narratives addressed violence against women primarily as a phenomenon directly related to the pandemic and to the social distancing measures or the consequences of the health crisis. **Conclusion:** the results instigate reflection and provoke the recognition of women's vulnerability to violence in the home environment, through the media's critical approach to the phenomenon for the deconstruction of the androcentric sexist patterns and in search of gender equality. The potential of the digital media to understand the expression of violence against women in a unique moment in history was evident, stimulating reflections that can contribute to its confrontation.

Keywords: Domestic Violence; Violence Against Women; Qualitative Research; Pandemics; Mass Media; Women's Health.

RESUMEN

Objetivo: analizar cómo los medios de comunicación de masas retrataron la violencia contra las mujeres al inicio de la pandemia COVID-19 en Brasil, a la luz del género. **Método:** estudio descriptivo con enfoque cualitativo que utilizó datos en línea (noticias y comentarios) publicados en plataformas digitales: portales de noticias, periódicos, sitios web gubernamentales y organizaciones feministas y red social Twitter. Los datos se extrajeron mediante un instrumento semiestructurado y se trataron mediante análisis de contenido temático, apoyado por el *software* webQDA. **Resultados:** se encontraron tres categorías empíricas: los efectos del COVID-19 sobre las cifras de violencia contra las mujeres; COVID-19 que revela la violencia contra las mujeres en público y privado; COVID-19 y violencia contra la mujer: dos pandemias en paralelo. Al inicio de la pandemia, hubo un aumento y agravamiento de las violaciones, probablemente relacionadas con el distanciamiento social y el agravamiento de la crisis económica. Las narrativas abordaron la violencia contra las mujeres principalmente como un fenómeno directamente relacionado con la pandemia y las medidas de distanciamiento social o las consecuencias de la crisis de salud.

Conclusión: los resultados incitan a la reflexión y provocan el reconocimiento de la vulnerabilidad de las mujeres a la violencia en el ámbito doméstico, a través del abordaje crítico del fenómeno mediático para la deconstrucción de patrones sexistas androcéntricos y para la búsqueda de la equidad de género. Se evidenció el potencial de los medios de comunicación de masas para comprender la expresión de la violencia contra la mujer en un momento único de la historia, estimulando reflexiones que pueden contribuir a su confrontación.

Palabras clave: Violencia Doméstica; Violencia contra la Mujer; Investigación Cualitativa; Pandemias; Medios de Comunicación de Masas; Salud de la Mujer.

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020,¹ caracteriza-se como um dos eventos mais graves registrados na contemporaneidade. Complexa e desafiadora, mobilizou ações de toda a população com destaque para governo, ciência, academia, formuladores de políticas econômicas e de saúde, opinião pública e mídias. Os eventos ocorridos desde o seu início mostram que se trata, essencialmente, de um problema de Saúde Coletiva que atinge os grupos sociais de maneiras distintas, de acordo com a vulnerabilidade.²

Na maioria dos países, entre as principais medidas adotadas para o controle da propagação do SARS-CoV-2, destacou-se o distanciamento social. No Brasil, entretanto, essa estratégia, expressiva nos primeiros meses da pandemia - período também de maior adesão da população -, foi tema de inúmeros embates discursivos e ideológicos. Ao desvelar a realidade objetiva, fez emergir um problema muito anterior à pandemia, a violência doméstica contra a mulher. O fenômeno agravou-se em tal monta que teve destaque nas mídias digitais e nos canais informais de denúncia, como as redes sociais, principalmente depois que organizações internacionais chamaram a atenção para o aumento das violações em praticamente todos os países.³

Tal aumento foi confirmado por pesquisas desenvolvidas no Canadá, Estados Unidos da América, Alemanha, Espanha, Reino Unido e França, com 30% a mais de denúncias após o decreto da medida, em março de 2020.³ Na América Latina houve registros de aumento no México, Colômbia, Argentina, Bolívia e Peru.^{4,5}

Apesar disso, levantamento do Fórum Brasileiro de Segurança Pública constatou que, no país, no início do distanciamento social, foi registrada redução de crimes contra as mulheres, exceto de feminicídios, que aumentaram 2,2% entre março e maio de 2020.⁶ Esse dado revela uma possível dificuldade das mulheres para acessar os meios de denúncia das violações. Os feminicídios apareceram porque não são passíveis de ocultamento.

Compreender o significado desse fenômeno na pandemia envolve reconhecer que a violência contra a mulher é um fenômeno estrutural da sociedade, reflexo das relações de poder entre homens e mulheres e de desigualdades construídas e naturalizadas.⁷ Essas desigualdades emergem em circunstâncias de aumento de vulnerabilidade, como o isolamento social. A exposição da mulher à violência pelo aumento do convívio com o agressor contribuiu para mais ocorrências de comportamentos abusivos, desconhecimento de dispositivos de auxílio já existentes ou mais dificuldades para acessá-los, além da fragilização das redes institucionais e familiares, dificultando o apoio e o atendimento.

Essas fragilidades e barreiras enfrentadas pelas mulheres para buscar ajuda foram expressivamente abordadas pelas mídias digitais por meio da divulgação de campanhas e estratégias de enfrentamento, bem como pela denúncia de familiares ou vizinhos, em especial, nos meses de março e abril de 2020. Tal cenário instigou a concepção do presente estudo, que parte do questionamento: que significados assumem as narrativas das mídias sobre a violência contra a mulher na pandemia, quando analisados na perspectiva de gênero? Estudar o fenômeno a partir das mídias começa na centralidade que elas ocupam na vida social e do seu potencial para revelar uma realidade que, muitas vezes, vai além da própria experiência de vida.⁸

Com base no exposto, o estudo justifica-se pela influência da mídia na formulação da opinião pública, nas normas, papéis e relações de gênero, determinantes para a construção, desconstrução ou reprodução de estigmas e estereótipos relacionados à violência contra a mulher. Além disso, contribui para o enfrentamento da violência, a promoção de cuidados e práticas em saúde comprometidos com as transformações sociais e para tornar visível a vulnerabilidade das mulheres à violência doméstica.

OBJETIVO

Analisar como as mídias digitais retrataram a violência contra a mulher no início da pandemia da COVID-19, no Brasil, à luz de gênero.

MÉTODO

Estudo descritivo de abordagem qualitativa que utilizou dados digitais (notícias e comentários) sobre violência contra a mulher no início da pandemia da COVID-19, no Brasil, considerando-se que a utilização de métodos digitais de captação de dados *online* possibilita acessar mudanças sociais em relação aos fenômenos.⁹

Os dados foram coletados em dois portais virtuais de notícias, dois jornais de circulação nacional na versão digital, nas páginas oficiais do Governo Federal, do Distrito Federal e das 26 unidades federativas, em quatro páginas de organizações feministas brasileiras e na rede social *Twitter*.

A escolha dessas plataformas digitais se justifica devido à possibilidade de captar diferentes perspectivas do objeto estudado, a partir de distintas fontes que se reportam às dimensões singular, particular e estrutural da sociedade. A quantidade de dados foi definida conforme a reincidência e a complementaridade das informações com vistas ao aprofundamento, à abrangência e à compreensão do fenômeno.¹⁰

A coleta de dados ocorreu de 11 de março a 30 de abril de 2020. A data de início foi devida à publicação do decreto da Organização Mundial da Saúde declarando a infecção por SARS-CoV-2 como pandemia¹ e a data de término conforme o período de maior índice de isolamento social registrado no Brasil (acima de 50%).¹¹ As fontes foram acessadas diariamente pelas autoras do estudo durante a coleta de dados.

As notícias e os comentários foram acessados por meio do campo de busca de cada *site* investigado, por meio dos termos: “violência contra a mulher”, “*covid-19*”, “*covid19*”, “*coronavírus*”, “*pandemia*”, “*isolamento*” e “*isolamento social*”. Nos portais governamentais, a busca foi realizada com a palavra “*violência*”. Foram incluídos notícias e comentários sobre a violência contra a mulher publicados nas mídias digitais no início da pandemia, período com maior registro de isolamento social. Foram excluídas notícias e comentários duplicados. Todas as informações obtidas foram lidas na íntegra, considerando o critério de elegibilidade para, em seguida, selecionar aquelas que seriam analisadas.

As notícias e comentários selecionados foram salvos como *Portable Document Format*, armazenados e compartilhados entre as autoras do estudo por meio de pasta de arquivos *online*. Posteriormente, os dados foram extraídos com o auxílio de instrumento semiestruturado, desenvolvido pelas autoras para uso exclusivo deste estudo, com o objetivo de captar as seguintes informações: data de publicação e autoria da notícia, plataforma digital e discursos sobre violência contra a mulher. O instrumento foi submetido à validação interna por meio de reunião virtual.

Os discursos foram submetidos à análise de conteúdo temática, constituída pelas etapas: a) pré-análise, definida pela organização e leitura do material; b) exploração do material, constituída pela codificação e categorização; c)

tratamento dos resultados, em que se desenvolve a interpretação por meio da inferência.¹²

Os dados coletados por meio do instrumento e inseridos em uma planilha Excel foram incorporados ao *software* de análise qualitativa *webQDA*¹³. O uso desse *software* se justifica devido à possibilidade de tratar os dados de maneira colaborativa e síncrona entre os membros da equipe de pesquisa. Ele está disponível em plataforma *online*, cujo acesso se dá por meio de aquisição de licença. O *webQDA* é dividido em três sistemas: fontes, codificação e questionamento.

A planilha *Excel* foi incorporada ao *webQDA* por meio do sistema das fontes internas e da ferramenta de importação automática. Na primeira etapa do tratamento dos dados, as autoras do estudo realizaram a leitura do material na íntegra, seguida por reunião virtual para definição das categorias empíricas provisórias. Essas categorias também foram estruturadas a partir das categorias analíticas gênero e violência de gênero.

Na segunda etapa, no sistema de codificação do *webQDA*, os dados relacionados à caracterização das notícias e comentários (data de publicação, autoria e plataforma digital) foram codificados automaticamente por meio da ferramenta dos descritores. As categorias empíricas, emergentes da análise de conteúdo temática, foram construídas por meio da ferramenta dos códigos árvores. O processo de codificação dos dados ocorreu de maneira independente e colaborativa entre as quatro primeiras autoras do estudo. Por fim, ocorreu uma reunião virtual com todas as autoras do estudo para o processo de estabelecimento de consenso e validação dos dados codificados a fim de reduzir o viés interpretativo.

A pesquisa dispensou apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, pois utilizou textos e comentários disponibilizados publicamente e de livre acesso. O anonimato das fontes de dados foi garantido mediante a substituição dos nomes pelas expressões: Portal de Notícias 1 e 2, Jornal 1 e 2, Organização Feminista 1 a 4 e *Twitter* 1 a 499. As páginas governamentais foram nomeadas de acordo a unidade de gestão. Foi utilizado o instrumento *Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ)* para os procedimentos metodológicos.

RESULTADOS

No que se refere ao número de publicações diárias sobre o tema, mereceu destaque a quantidade de 33 publicações veiculadas nos dias 14 e 20 de abril de 2020. Nos demais dias, a média diária foi de 14 publicações. Quanto à autoria, a maior parte foi do sexo feminino (n=287),

seguida pelo masculino (n=130), quatro tiveram autoria de homens e mulheres e, em 313, não foi informado o sexo do autor ou autora. A Tabela 1 apresenta o número de publicações selecionadas, de acordo com as plataformas digitais utilizadas:

Tabela 1 - Número de publicações selecionadas segundo o tipo de plataforma digital consultada, Brasil, 2021

Plataformas digitais	Número de publicações
Portais virtuais de notícias	120 notícias (P1 n=65; P2 n=55)
Jornais, versão digital	28 notícias (J1 n=17; J2 n=11)
Páginas governamentais	45 publicações
Páginas de organizações feministas	42 publicações
Twitter	499 comentários
Total	734 publicações

A análise de conteúdo dos dados possibilitou a emergência de três categorias empíricas: Os reflexos da COVID-19 nos números da violência contra a mulher; A crise sanitária desvelando a violência contra a mulher no público e privado; COVID-19 e violência contra a mulher: duas pandemias em paralelo.

Os reflexos da COVID-19 nos números da violência contra a mulher

As notícias e os comentários veiculados pelas mídias digitais referiram-se principalmente ao aumento do número de casos de violência contra a mulher, registrados no início da pandemia, comparados aos registros do mesmo período, no ano anterior.

Denúncias de violência contra a mulher aumentam durante quarentena. Dados do canal oficial do governo, o Ligue 180, revelam crescimento de 18% no número de denúncias nos nove dias de isolamento em relação a todo o restante do mês (Twitter 98).

No Mato Grosso, os registros de feminicídio saltaram de 2 para 10, um aumento de 400%. Em São Paulo, houve aumento de 46,2% de feminicídios, de 13 para 19. Já as vítimas de homicídio no estado foram de 38 para 41 mulheres, crescimento de 7,9% (Governo da Bahia).

O aumento das denúncias de situações de violência contra as mulheres foi constatado no âmbito federal, na

Central de Atendimento Disque 180, que oferece o serviço gratuitamente, durante 24 horas, todos os dias da semana. O aumento dos feminicídios foi evidenciado nos estados.

Menor parcela das mídias digitais abordou a redução do número de casos de violência contra a mulher no início do distanciamento social adotado no Brasil. Os registros tiveram como fontes dados contabilizados prioritariamente pelas Secretarias de Segurança Pública, reforçando o entendimento da violência como questão de polícia.

Há um temor de que o isolamento social poderia fazer aumentar a violência doméstica, mas, por enquanto, os números da Secretaria de Segurança Pública não corroboram a hipótese no estado. Denúncias de violência contra a mulher caem 49% no Ceará, após decreto de isolamento (Twitter 311).

O secretário de Segurança Pública explica que não: Não há alteração no número de registro de ocorrência contra as mulheres em razão do confinamento. A estatística não mostra isso. As medidas continuam as mesmas, temos dado prioridade a esses casos, as delegacias estão todas abertas, os números de atendimento para as mulheres estão funcionando normalmente, o atendimento continua normal e, por óbvio, que, nesse momento, qualquer acionamento que elas fizerem vão ter prioridade no nosso sistema de atendimento. Entretanto, no Distrito Federal, até a presente data, não existe um número elevado ou elevação no número de casos em razão do isolamento provocado pelo coronavírus (Governo do Distrito Federal).

Os dados mostram divergência entre os baixos números registrados pelas diferentes centrais de atendimento e o crescimento no número de feminicídios.

A crise sanitária desvelando a violência contra a mulher no público e privado

As narrativas referiram os vários tipos de violência estabelecidos na legislação brasileira (psicológica, moral, patrimonial, física e sexual) e também violações ocorridas no espaço cibernético. Foram reportadas diversas manifestações de violência, destacando-se o sufocamento e o silenciamento. O sufocamento foi associado à estrutura física do espaço doméstico que se materializa como barreira para buscar ajuda, enquanto o silenciamento foi relacionado ao medo que paralisa e impede a ruptura do ciclo de violações.

Há gritos que atravessam as paredes, há gritos que são sufocados para que os pedidos de ajuda não sejam ouvidos através de portas e janelas; e há os gritos que são silenciados pelo medo, pela opressão e pela morte. Em muitos casos restam as dores, as marcas visíveis no corpo e aquelas que permanecem invisíveis na alma da mulher que sofre agressão e violência em suas variantes (Jornal 2).

As violações foram reportadas como responsáveis por provocar dor, deixar marcas visíveis e invisíveis no corpo e na vida das mulheres, afetar a valorização pessoal, a autoimagem e, conseqüentemente, a autoestima. Muitas vezes foi enfatizado que as mulheres acreditavam ter o dever de suportar a violência em nome da dependência emocional e econômica em relação ao agressor e da possível perda da convivência com os filhos.

O relacionamento abusivo afeta quatro dimensões femininas. A primeira é a autoestima. A mulher acha que não é nada sem o homem, que a vida dela depende da dele. A segunda é a dimensão econômica. Ela não consegue romper o ciclo porque depende dele. A terceira é a dos filhos e a família, a ameaça de perder isso. Ela tem medo de ter sua competência para criar os filhos questionada, então muitas vezes espera as crianças crescerem antes de ir embora. E por fim uma dimensão social, de perder as pessoas ao seu redor (Organização Feminista 1).

As narrativas também evidenciaram que a restrição das pessoas ao espaço doméstico propagou o domicílio como lugar seguro. Entretanto, para mulheres e crianças, ao contrário, tornou-se lugar de perigo e insegurança, pelo aumento do tempo de convivência e, conseqüentemente, das tensões entre parceiros íntimos ou membros da família, especialmente, onde as situações de violência já ocorriam. Alguns discursos equiparavam o lar a um cativeiro para as mulheres em situação de violência.

Para alguns, o lar é um refúgio e centro de paz, aquele local onde não se vê a hora de chegar após um longo dia de trabalho. Porém, a quem não tem essa felicidade, ele se torna verdadeiro sinônimo de tortura e desespero, de maneira que são preferíveis incessantes horas de trabalho a ter que ali retornar ao fim do dia (Jornal 2).

Para muitas mulheres, a perspectiva de ficar presa em casa é mais aterrorizante do que a possibilidade de contrair uma doença na rua (Jornal 1).

As narrativas indicaram a pandemia como gatilho para o aumento de tensão, estresse e consumo de álcool e drogas, polarizando a relação entre vítimas e agressores, cristalizando as mulheres como vítimas indefesas e passivas, ao passo que, nas entrelinhas, os homens eram tidos como algozes e inimigos a serem combatidos.

O isolamento social é necessário, mas a mulher que está na condição de agressão vive um cárcere. Ela convive 24h com o agressor; então estamos recebendo pedido de ajuda de mulheres em situação de desespero, porque estão se sentindo ameaçadas pelos parceiros (Portal de notícias 2).

Imagina você se isolar com o inimigo? Os ânimos se acirram, o estresse aumenta, ainda mais se o inimigo consome álcool ou tem outro vício. Tudo isso junto, aumenta com certeza a violência - ressalta a promotora (Portal de notícias 2).

Além das mudanças na vida privada, a pandemia acarretou mudanças expressivas na vida pública, destacando-se, sobretudo, o setor econômico, devido ao fechamento dos serviços considerados não essenciais. Este fato refletiu-se diretamente na dinâmica dos papéis sociais. A redução das atividades produtivas remuneradas para os homens foi considerada um estressor, por colocar em risco o sustento da família. Para as mulheres, houve aumento da sobrecarga das atividades reprodutivas não remuneradas, como o cuidado da casa, das crianças, de doentes e idosos, reforçando a ideia de que trabalho doméstico e cuidado da família é “coisa de mulher”.

Para sustentar seu argumento de que o isolamento é prejudicial, Jair Bolsonaro [Presidente da República do Brasil] citou, sem apontar números, um aumento da violência doméstica. “É só mostrar isso, tem mulher apanhando em casa? Por que isso? Em casa que falta pão, todos brigam e ninguém tem razão. Como que acaba isso? O cara quer trabalhar, meu Deus do céu, é crime agora isso? (Jornal 1).

Devido à saturação dos sistemas de saúde e ao fechamento das escolas, as tarefas de cuidado doméstico recaem principalmente sobre elas. A responsabilidade de cuidar de familiares doentes, pessoas idosas e crianças também. Além disso, mulheres são maioria entre trabalhadores informais e domésticos (Portal de notícia 1).

A instabilidade econômica e o distanciamento social foram apresentados por parte das mídias digitais como justificativas para as violações contra as mulheres, no início da pandemia.

COVID-19 e violência contra a mulher: duas pandemias em paralelo

As mídias revelaram a pandemia como cenário propício para a perpetração da violência contra as mulheres, pelo fato de as famílias passarem mais tempo confinadas no espaço doméstico, *locus* privilegiado de ocorrência desse tipo de violência. Se, porém, para as mulheres, o isolamento social diminuiu o risco de contaminação pelo coronavírus, aumentou consideravelmente a vulnerabilidade à violência.

O aumento da convivência pode fazer com que aumente o controle, a posse, a humilhação e, muitas vezes, a agressão física acontece pela primeira vez. Mulheres que não percebiam que viviam relacionamentos abusivos, porque tinham altos e baixos, passaram a perceber (Portal de notícia 1).

As mulheres submetidas rotineiramente à subalternidade de gênero tiveram essa situação agravada na pandemia. As mídias digitais reconheceram esse agravamento e justificaram-no pelo desemprego, pela necessidade diária de deslocamento e risco de contaminação pelo trabalho fora de casa, pela sobrecarga de trabalho devido à maior permanência dos membros da família no domicílio e, pela necessidade de assistência às crianças e aos idosos motivada pela restrição do acesso aos serviços de saúde, em decorrência do aumento da demanda de atendimento por COVID-19. Outro elemento citado para o aumento da violência foi a transferência da responsabilidade da educação escolar para a família - mães, tias, avós ou outras mulheres - como consequência do fechamento das escolas e da prática de atividades educacionais remotas, supervisionadas por alguém da família.

As mulheres são afetadas de maneira mais severa pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2). Elas estão mais expostas ao risco de contaminação e às vulnerabilidades sociais decorrentes da pandemia, como desemprego, violência, falta de acesso aos serviços de saúde e aumento da pobreza. Com a pandemia, mulheres têm de se dividir entre diversas atividades, como as seguintes: emprego fora de casa, trabalhos domésticos, assistência à infância (cuidado com filhos), educação escolar em casa (já que as escolas estão fechadas) e assistência a idosos da família (Portal de notícia 2).

No início da pandemia, as mídias divulgaram que as mulheres se situaram no vértice da submissão devido às crises econômica, política, sanitária e humanitária, sujeitas a maior número de violações, que não se restringiam necessariamente à esfera da vida privada.

O segundo ponto em que nós podemos pensar essas duas epidemias em paralelo são as mulheres como as mais vulneráveis quando essas múltiplas desigualdades se encontram. Quanto mais frágil essa mulher estiver dentro das complexidades e das desigualdades, maior a fragilização e a exposição ao risco e aos efeitos desse cruzamento falso entre economia e saúde pública. Falso porque, desde sempre, saúde pública foi uma boa economia, e a economia sempre dependeu da saúde das pessoas para serem bons trabalhadores (Portal de notícia 1).

O tempo para análise ainda é curto, mas os dados apontam uma tendência. Momentos de crise na sociedade – econômica, política ou uma pandemia – historicamente trazem aumento da violência contra a mulher. Foi assim com o ebola na África e a cólera no Haiti (Jornal 2).

Foi ressaltado que a vulnerabilidade social e a violência contra as mulheres não se limitam à pandemia de COVID-19, mas foram identificadas também em outras crises sanitárias.

DISCUSSÃO

A violência é um fenômeno fundamentado nas relações desiguais de poder, histórica e socialmente estabelecidas entre homens e mulheres.¹⁴ A todo o momento, mulheres - crianças, adolescentes, adultas e idosas - são expostas a diferentes tipos de violações, independentemente da classe social, escolaridade, raça-etnia e religião, evidenciando-se também desigualdades na interseccionalidade desses pertencimentos.

Não se trata de um fenômeno de enfrentamento pontual, mas de um problema que requer investimentos contínuos tanto em tempos de normalidade, como em situações de exceção. No Brasil, apesar de grave, a violência contra a mulher nunca constituiu prioridade, sendo constatado, nos últimos anos, significativos retrocessos nas pautas de defesa da igualdade de gênero, que impactaram - e ainda impactam - de modo negativo na implementação de medidas específicas.¹⁵ Nesse cenário, considera-se que a pandemia potencializou situações sociais deletérias já existentes para a vida das mulheres e concorreu para o agravamento da sua vulnerabilidade social.

As mídias digitais reputaram a aparente redução nos registros de violência contra as mulheres ao silenciamento delas, pois canais de comunicação, transporte público e rede de apoio formal passaram a operar em regime de excepcionalidade, atendendo menos pessoas e, com isso, dificultando o acesso a esses recursos.

Esse resultado é corroborado por pesquisa na Nigéria que apurou mais dificuldades para as mulheres acessarem ajuda para o enfrentamento da violência durante o isolamento social.¹⁶

As mídias digitais também revelaram narrativas pautadas na superficialidade quanto às causas estruturais relacionadas ao fenômeno da violência contra a mulher, contribuindo para a naturalização e a reprodução das iniquidades de gênero, espalhando padrões sexistas e perpetuando a visão do problema como sendo dos âmbitos privado e individual, sem qualquer vinculação com o social que legitima tais padrões.

Narrativas que não problematizam questões relacionadas à violência contra as mulheres e à sua gênese - incluindo as proferidas por representantes políticos - podem produzir significados que legitimam ideologias reacionárias que privilegiam a valorização da família nuclear idealizada, as desigualdades de gênero, o patriarcado e a heteronormatividade.¹⁷

Nesta pesquisa, quando analisadas à luz de gênero, as narrativas pautaram-se na reiteração das concepções idealizadas de lar, associadas a termos como refúgio, paz e felicidade. No imaginário social, essas concepções reproduzem a ideia de família como espaço de ausência de conflitos, de modo que, quando acometidas pela violência doméstica, são patologizadas e estagnadas em um estado mórbido que impede toda e qualquer transformação.

Considera-se que os meios de comunicação são responsáveis pela elaboração do imaginário coletivo, tendo papel formativo em relação a temas que configuram os fenômenos sociais. Assim, podem esclarecer ou escamotear os problemas sociais por meio da hierarquização, dos enfoques, das conceitualizações e das terminologias adotadas, repercutindo negativamente na formação do tecido social.¹⁸

Dados de estudo realizado a partir de 657 reportagens, publicadas entre 2000 e 2015 pelos jornais *El País*, *El Mundo* e ABC, revelaram que 68% das publicações abordaram a violência contra a mulher como temática principal e 32% como fenômeno secundário, mesmo com as pautas destacando situações graves de violência física e sexual e feminicídios.¹⁹

Uma revelação importante da presente pesquisa foi que, para as mulheres que já vivenciavam situação de violência, o risco iminente de infecção pela COVID-19 tornou-se mais aterrorizante que as violações perpetradas no interior dos domicílios. Todavia, outro estudo salienta que, para muitas mulheres e crianças, a convivência com o agressor se mostrou tão ou mais perigosa que a pandemia.²⁰

A pandemia da COVID-19 também agravou a dependência econômica das mulheres em relação aos parceiros, o desemprego e a dificuldade de acesso a locais seguros. Além disso, a instabilidade econômica desencadeada pela pandemia possibilitou o aumento da ocorrência de conflitos intrafamiliares.²¹

Em geral, os conflitos são reflexos dos estereótipos de gênero que alicerçam as iniquidades e condicionam o homem ao papel de provedor e a mulher ao papel de cuidadora da família, responsável pelas atividades domésticas e pelo cuidado aos filhos e idosos, concentrando a maior parte das atividades da esfera privada.²² Essa sobrecarga contínua a que estão expostas durante a pandemia da COVID-19 pode ter consequências físicas e psicológicas, reduzir sua capacidade para evitar conflitos com o agressor, além de torná-las mais vulneráveis à violência psicológica e à coerção sexual.²³

Destaca-se também que, em contextos de mais isolamento social, a rede de apoio social das mulheres fica limitada, devido ao distanciamento de amigos, vizinhos e familiares, o que cerceia muito a possibilidade de obter ajuda. Isso é agravado pela dificuldade de acesso aos serviços da rede de enfrentamento à violência, pelo fechamento ou restrição de atendimento devido à pandemia.

As crises sanitária, política, econômica e humanitária repercutem distintamente em homens e mulheres. Apesar de ambos estarem sujeitos aos mesmos agravos, para as mulheres o peso tem sido maior, devido às iniquidades de gênero já existentes que se agravaram.

Estudo sobre a repercussão dos desastres na violência por parceiro íntimo identificou fatores estressantes que acentuam a prevalência e a gravidade do problema. Entre eles destacam-se as mudanças no relacionamento, no enfrentamento de conflitos, na comunicação, na situação econômica e habitacional. Além disso, os autores salientam o aumento da vulnerabilidade social das mulheres devido à redução do acesso aos serviços e aos recursos necessários para a recuperação - em caso de doenças - e ao papel de cuidadoras primárias que as expõe a danos mais significativos.²⁴

Os resultados da presente pesquisa também revelaram que, durante a pandemia, as mulheres continuaram sendo as principais responsáveis pela organização da vida privada para garantir a sustentação e a organização familiar. O trabalho doméstico e o cuidado aos filhos, apesar de não terem valor econômico agregado e serem pouco reconhecidos socialmente, na pandemia mostraram-se ainda mais fundamentais para a manutenção da vida. Contudo, evidenciou-se a condição de exploração e de opressão das mulheres, tanto na esfera privada das

relações familiares, quanto pelo Estado, que não disponibiliza apoio suficiente para que a sobrecarga da tripla jornada de trabalho não impacte negativamente nas condições de vida e saúde das mulheres.

As narrativas sobre a violência contra a mulher publicadas pelas mídias digitais mostraram-se importantes fontes de reconhecimento e compreensão da realidade das brasileiras, frente à violência de gênero no início da pandemia da COVID-19. Ao reconhecer a pertinência da citação de Simone de Beauvoir para o atual contexto - *“basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”*²⁵ -, percebe-se que a identificação da situação problemática das mulheres na pandemia pode contribuir para fortalecer a luta feminista pela garantia de direitos e equidade de gênero.

Diante disso, acredita-se que os resultados do presente estudo podem subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas e fundamentar a implementação do cuidado de Enfermagem na perspectiva de gênero para o enfrentamento da violência contra a mulher, não se restringindo ao cenário pandêmico.

Para profissionais de saúde, como os da Enfermagem, cuja formação carece de conteúdos de gênero que possibilitem repensar a comunicação midiática a respeito dos fenômenos da vida das mulheres, estudos como este podem aumentar a capacidade crítica da realidade e propiciar o cuidado além do biológico, como preconizado na Enfermagem em Saúde Coletiva. Essa concepção compreende a saúde das mulheres como resultante das relações de poder entre os gêneros, nas diferentes dimensões da realidade objetiva e na interseção com as categorias classe social, raça-etnia e geração. Tal compreensão muda o entendimento do conteúdo e a forma de cuidar, bem como as repercussões do cuidado para as mulheres em situação de violência e para outros membros da família, inclusive os agressores.

O estudo possui como limitação o curto período da coleta de dados, abrangendo os primeiros 45 dias do isolamento social no Brasil. Todavia, essa limitação não invalida os resultados, pois os dados foram suficientes para subsidiar a análise do fenômeno da violência contra a mulher no período de maior índice de isolamento registrado e expressividade do tema nas mídias digitais. Além disso, nos meses seguintes à coleta de dados, a pandemia da COVID-19 continuou acelerada no país e as iniquidades se acirraram. É necessário considerar também que, além do gênero, outras inserções sociais, como geração (crianças, adolescentes e idosas), raça-etnia (afrodescendentes, indígenas, ciganos, entre outras)

e classe social (pobres, indigentes e populações de rua), contribuem para agravar a situação das mulheres, seus filhos e dependentes.

A pesquisa também contribuiu metodologicamente, pois possibilitou a triangulação dos dados e inovou ao utilizar narrativas midiáticas, possibilitando a aproximação com o que tem sido comunicado e como as informações contribuem para a formação da consciência social coletiva, favorável ou não às questões das mulheres.

CONCLUSÃO

As mídias digitais desempenham importante função social ao veicular informações que podem manter, reforçar ou enfraquecer os discursos sexistas, principalmente ao divulgar notícias e comentários relacionados à violência contra as mulheres, prevalente na sociedade, e que com a pandemia da COVID-19 tiveram sua frequência e intensidade elevadas.

As narrativas publicadas abordaram a violência contra a mulher primordialmente como um fenômeno diretamente relacionado à pandemia e às medidas de distanciamento social ou às consequências da crise. Entretanto, a realidade histórica do fenômeno demonstra que essa perspectiva é equivocada, pois a violência contra a mulher não teve origem na pandemia nem irá se findar com a interrupção das medidas de distanciamento social e a melhoria da situação econômica e sanitária.

Se a pandemia da violência contra a mulher não tem a visibilidade que deveria como problema de saúde, a crise sanitária atual, além de ampliar a vulnerabilidade das mulheres, redirecionou o foco das ações de saúde para a COVID-19. No entanto, a sobreposição das duas pandemias – a da COVID-19 e a da violência contra a mulher – não se traduziu em aumento da atenção para o seu enfrentamento, pois em se tratando da violência contra as mulheres, esse enfrentamento tem sido cada vez mais fragmentado, ineficiente ou mesmo inexistente.

Os resultados desta pesquisa promoveram reflexões sobre a importância de serem implementados serviços e políticas públicas para prevenção e enfrentamento da violência contra a mulher, a necessidade de reorganização equitativa do trabalho doméstico e do cuidado aos filhos. Urge também provocar nas mídias digitais o reconhecimento da vulnerabilidade das mulheres à violência no ambiente doméstico, por meio da abordagem crítica do fenômeno para a desconstrução dos padrões sexistas androcêntricos vigentes e a transformação social em prol da equidade de gênero.

Para a Enfermagem, as reflexões propiciadas podem fortalecer o reconhecimento da violência como socialmente determinada, e são fundamentais para a dispensação do cuidado responsável e emancipatório, materializando a politicidade que lhe é inerente. Tal politicidade articula-se com a finalidade de emancipação das populações de menor poder de decisão sobre suas vidas, como costuma acontecer com as mulheres que vivenciam situações de violência que, com a pandemia, tiveram sua qualidade de vida ainda mais prejudicada do que em tempos anteriores a ela.

REFERÊNCIAS

1. Organization World Health. WHO announces COVID-19 outbreak a pandemic. Genebra: WHO; 2020[citado em 2020 ago. 26]. Disponível em: <http://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirus-covid-19/news/news/2020/3/who-announces-covid-19-outbreak-a-pandemic>
2. Adorno S. Pandemia. *Estud Av.* 2020[citado em 2020 ago. 26];34(99):2-3. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000200002&tlng=pt
3. Un Women. COVID-19 and Ending Violence Against Women and Girls. 2020[citado em 2021 fev. 16]. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/04/issue-brief-covid-19-and-ending-violence-against-women-and-girls>
4. Onu Mulheres. Prevenção da violência contra mulheres diante da Covid-19 na América Latina e no Caribe. 2020[citado em 2021 fev. 16]. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2020/05/BRIEF-PORTUGUES.pdf>
5. Agüero JM. COVID-19 and the rise of intimate partner violence. *World Dev.* 2021[citado em 2021 fev. 16];137:105217. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0305750X20303442?via%3Dihub>
6. Fórum Brasileiro de Saúde Pública (FBSP). Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 2ª ed. São Paulo: FBSP; 2020[citado em 2021 fev. 17]. Disponível em: <http://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>
7. Bandeira LM, Amaral M. Violência, corpo e sexualidade: um balanço da produção acadêmica no campo de estudos feministas, gênero e raça/cor/etnia. *Rev Bras Sociol.* 2017[citado em 2020 set. 01];5(11):48-85. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/312>
8. Ribeiro GF. Mulher na Mídia: uma análise crítica das abordagens sobre casos de violência contra mulher em jornais do Maranhão. *Cad Genero Divers.* 2017[citado em 2020 set. 01];3(1):150-9. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/22247>
9. Rogers R. Digital methods for web research. In: Scott RA, Kosslyn SM, organizadores. *Emerging Trends in the Social and Behavioral Sciences.* 2015[citado em 2021 fev. 17]. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781118900772.etrds0076>
10. Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev Pesqui Qual.* 2017[citado em 2020 dez. 05];5(7):1-12. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82/59>
11. Inloco. Mapa brasileiro da COVID-19. 2021[citado em 2021 fev. 17]. Disponível em: <https://mapabrasileirodacovid.inloco.com.br/pt/>
12. Bardin L. *Análise de Conteúdo.* Lisboa: Edições 70; 2011. 280p
13. Costa AP, Moreira A, Souza FN. WebQDA - Qualitative Data Analysis. Aveiro - Portugal: Aveiro University and MicroIO; 2019[citado em 2020 set. 01]. Disponível em: <https://www.webqda.net/>
14. Egry EY, Fonseca RMGS, Oliveira MADC. Ciência, Saúde Coletiva e Enfermagem: destacando as categorias gênero e geração na episteme da práxis. *Rev Bras Enferm.* 2013[citado em 2020 set. 01];66:119-33. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700016&tlng=pt&tlng=pt
15. Zanatta LF, Grein MI, Álvarez-Dardet C, Moraes SPD, Brêtas JRDS, Ruiz-Cantero MT, Roses M. Igualdade de gênero: por que o Brasil vive retrocessos? *Cad Saúde Pública (Online).* 2016[citado em 2020 set. 09];32(8):e00089616. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2016000800301&tlng=pt&tlng=pt
16. Fawole OI, Okedare OO, Reed E. Home was not a Safe Haven: Women's Experiences of Intimate Partner Violence during the COVID-19 Lockdown in Nigeria. *BMC Womens Health.* 2021[citado em 2021 fev. 17];21(1):1-7. Disponível em: <https://bmcwomenshealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12905-021-01177-9>
17. Borba R. Disgusting politics: circuits of affects and the making of Bolsonaro. *Soc Semiot* 2020[citado em 2021 fev. 17];1-19. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10350330.2020.1810554>
18. Berenguer BZ, García-Gordillo MP. Methodological proposal for the evaluation of the ethical quality of news about violence against women. *Commun Soc.* 2017[citado em 2020 set. 09];30(1):73-85. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/communication-and-society/article/view/35796>
19. Cal MIC, Correa-Chica A. The social representation of gender violence in generalist written press: El País, El Mundo, and ABC (2000-2015). *Univ Psychol.* 2019[citado em 2020 set. 09];18(2):1-11. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/24689>
20. Bouillon-Minois JB, Clinchamps M, Dutheil F. Coronavirus and quarantine: catalysts of domestic violence. *Violence Against Women.* 2020[citado em 2020 set. 09]. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1077801220935194>
21. Viero A, Barbara G, Montisci M, Kustermann K, Cattaneo C. Violence against women in the Covid-19 pandemic: a review of the literature and a call for shared strategies to tackle health and social emergencies. *Forensic Sci Int.* 2021[citado em 2021 fev. 17];319:110650. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0379073820305120?via%3Dihub>. DOI: 10.1016/j.forsciint.2020.110650

22. Meira EC, Reis LAD, Gonçalves LHT, Rodrigues VP, Philipp RR. Vivências de mulheres cuidadoras de pessoas idosas dependentes: orientação de gênero para o cuidado. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2017[citado em 2020 set. 02];21(2):e20170046. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v21n2/1414-8145-ean-21-02-e20170046.pdf>
 23. Marques ES, Moraes CLD, Hasselmann MH, Deslandes SF, Reichenheim ME. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. *Cad Saúde Pública*. 2020[citado em 2020 set. 02];36(4):e00074420. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2020000400505&tlng=pt
 24. First JM, First NL, Houston JB. Intimate partner violence and disasters: a framework for empowering women experiencing violence in disaster settings. *Affilia*. 2017[citado em 2020 set. 03];32(3):390-403. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0886109917706338>.
 25. Beauvoir S. Por que sou feminista Entrevista de Simone de Beauvoir concedida para o programa “Questionnaire”, por Jean-Louis Servan-Schreiber. 1975[citado em 2020 set. 03]. Disponível em: <https://femininoeplural.wordpress.com/2017/01/17/entrevista-de-1975-com-simone-de-beauvoir-video-com-legenda/>
-